

A evolução das sociedades creou aspirações novas. A tendencia do nosso seculo é manifesta. Avançamos para a sciencia, fascinados pela vertigem que dá a contemplação mais nitida da verdade.

Para disseminar o novo credo, creou-se a vulgarisação, a evangelisação, o apostolado da sciencia.

Hoje que a sciencia não é um fructo prohibido, assistimos a esta orgia immensa de ideias, que o espirito cosmopolita da epocha absorve vorazmente.

A civilisação moderna arrastou-nos a esta bacchanal esplendida.

A multiplicidade de condições que devem convergir no homem actual para que não succumba na lucta das ideias, é o mais energico incentivo da vulgarisação.

Os novos apostolos estão espalhados pelo mundo.

A Inglaterra ufana-se com os nomes de Huxley, Tyndall, Müller, Geikie e outros; a França tem Bréal, Paulo Bert, Riant, os grandes evangelisadores da eschola.

Mas não se creia que é facil o apostolado scientifico: tem mais d'um escolho terrivel.

Os vulgarisadores inhabeis cahem frequentemente n'este erro: exporem a sciencia d'um modo elevado para os que não sabem, e superfluo para os que estudam. D'esta fórma a sciencia não aproveita a ninguem. Para isso é preciso expungil-a, quanto possivel, do arsenal technico, do apparatus severo que cinge a ideia na fórma, da aridez nua sem prejuizo da verdade.

É o que vamos tentar n'esta secção, na qual procuraremos no limite dos nossos recursos, attingir o ideal formulado por Gethoe: unir o bello á verdade.

A REDACÇÃO.

A ASCENDENCIA DAS AVES

Os reptis, que hoje constituem um grupo pequeno e decaðente, governaram a terra durante toda a grande epocha secundaria, como hoje a governam os mammiferos, e principalmente o homem.

Os mammiferos e as aves ainda não existiam, porisso poderam os reptis apoderar-se de todo o globo, transformando-se em enormes *haliosaurios* que nadavam nos mares, terriveis *dinosaurios* que habitavam as sombrias florestas de coniferas, e horrendos *ptero-dactylos* que volitavam no ar.

Foram por milhões d'annos os principaes habitantes do globo; depois, vencidos na lucta pela existencia pelos seus descendentes mais aperfeiçoados — os mammiferos e as aves — foram-se extinguindo a pouco e pouco, de sorte que hoje apenas alguns crocodilos, algumas grandes serpentes e tartarugas, nos podem dar uma vaga ideia do que eram os reptis gigantescos que povoavam os mares jurassicos.

Muito antes da formação das verdadeiras aves, diversos grupos de reptis se tinham approximado mais ou menos dos actuaes habitantes do ar.

Com effeito, a falta de competidores nos diversos meios facilitava muito aos reptis o adequarem-se a elles e tomarem para isso as fórmas mais diversas; uns perderam os membros e transformaram-se

em serpentes; outros adquiriram couraças impenetráveis e deram as tartarugas; mas a grande maioria formou dois grupos principaes — reptis marítimos e reptis terrestres, sendo estes já mais ou menos parecidos com as aves. É d'este ultimo grupo, formado pelos *dinosaurios*, que principalmente temos de nos occupar no estudo da arvore geneologica das aves actuaes.

É evidente que o primeiro passo para o desenvolvimento de uma ave é a aquisição de um porte até certo ponto erecto, pois só quando os membros estiverem diferenciados em um par posterior, forte e capaz de sustentar o peso do corpo, e um par anterior livre, é que este se pôde mais especialmente adaptar ao vôo. De facto, encontramos esta disposição em varios *dinosaurios*, e sobretudo no *iguanodonte*, que, sem duvida, andava aos saltos, firmando-se unicamente nos membros posteriores, como um kangurú gigantesco.

Ora, é notavel, que muitos dos animaes que têm este porte quasi erecto têm tambem uma tendencia pronunciada para adquirir uma fôrma rudimentar de vôo, sobretudo quando são arboreos e se acostumam a saltar de uma arvore para outra.

Alguns esquilos, por exemplo, têm como que um pára-quebras formado por uma membrana extensivel que liga os membros anteriores aos posteriores. Entre os lemures o galeopitheco adopta um meio de transporte analogo. Finalmente todos sabem a que perfeição chega a membrana que une os dedos dos morcêgos e constitue as azas d'estes animaes.

Durante a epocha secundaria foram os reptis que principiaram a adaptar-se á vida aeria.

De todos os precursores das aves propriamente dictas os mais notaveis foram de certo os *pterodactylos*, dragões colossaes com cabeça de reptil, fauces armadas de grandes dentes cônicos e agudos, tendo o ultimo dedo da mão desmedidamente alongado, e servindo sem duvida de sustento a uma aza membranosa como a dos morcêgos; de resto os ossos, leves e cheios de ar como nas aves, indicam um animal formado especialmente para o vôo.

Combinando o abutre com o jacaré, teremos uma ideia approximada do que era o *pterodactylo*.

Estes animaes não foram ascendentes directos das aves, mas indicam bem a tendencia que tinham para voar os reptis superiores d'essa epocha.

Encontra-se na pedra lithographica de Solenhauften um reptil ainda mais parecido, debaixo de alguns pontos de vista, com as aves actuaes do que o *pterodactylo*.

É o *comprognato*, elegante animal com pescoço de cysne, membros anteriores quasi atrophiados, e cuja cabeça pareceria d'uma ave, se as maxillas não fossem armadas de grandes dentes cônicos, como nos *pterodactylos*.

É na mesma pedra de Solenhauften que se encontram os restos da primeira ave verdadeira que conhecemos.

Este animal, que recebeu o nome de *archeoptero*, tem azas rudimentares e pennas; mas, debaixo de outros pontos de vista, é ainda mais reptil do que a ave. A cauda, por exemplo, é longa e formada por vinte vertebrae bem distinctas, a cada uma das quaes correspondem duas pennas lateraes, imitando assim mais uma folha de palmeira do que a cauda de qualquer ave actual; as azas, pequenas e mal formadas, só se poderiam prestar a um vôo muitissimo limitado; finalmente o esqueleto differe das aves em pontos tão importantes, que Karl Vogt não hesita em collocar o *archeoptero* na classe dos reptis.

Como todas as questões de nomes, esta tem provocado vivas discussões entre os homens de sciencia mais notaveis.

(Continúa).

J. G. DE BARROS E CUNHA.

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.^a, successores, Carvalho & C.^a; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.^a, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.^a; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.^a — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguiar. — CONDEIXA: O ex.^{mo} sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICAO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. — VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.
Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.
100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12\$000 réis.
Amstras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flannels, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.
Em tudo preços muito convidativos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. LUIZ DE PORTUGAL

Preço 600 réis

ARIOSTO MACHADO

A LYRA DE CAMÕES

(VERSOS)

Preço 300 réis

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, ditò do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador—**JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escritorio da Empreza — Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Com o n.º 6 terminou o primeiro trimestre da sua publicação o *Panorama Contemporaneo*.
Cumpre-nos agradecer o bom acolhimento que tem tido do publico.
Esforçar-nos-hemos por continuar a merecel-o. Ampliámos o formato das phototypias, que actualmente são executadas no atelier dos srs. Emilio Biel & C.ª do Porto.
Cremos que não deixam nada a desejar na boa nitidez dos contornos, nem no bem escolhido tom das tintas.
Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despesas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.
Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2\$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1\$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.
O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.
Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7\$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Valleiro, 146, rua do Moinho de Vento, LISBOA. Este sr. acha-se auctorizado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

ANNUNCIOS — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.º sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEA: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

LORVÃO



VIDA não é mais que uma serie de contrastes.

Ao estonteamento do prazer succede rapidamente a morbidez do descanso. A um dia agitado pelas vividas scintillações da alegria segue-se sempre uma noute calma em que o espirito repousa, procurando recuperar na languida quietação do silencio forças bastantes para repetir os folguedos do dia antecedente.

E por isso o homem que passa uma semana inteira inclinado sobre a banca do trabalho, vendo apenas uma estreita tira do céu por entre os telhados, d'onde se debruçam a espreital-o uns raios adulterados do astro fecundador, corre em dia de descanso para os campos, sobe alegremente as encostas, assalta as cumiadas onde o horizonte é vasto, a atmosphera é pura, vivificante.

Aspira com volupia o ar bem oxigenado, recreia a vista na paizagem amplamente illuminada, refaz o organismo, expandindo-se em liberdade.

Aquelles que saciados dos mil prazeres que offerece o mundo na facilidade da seducção, têm atravessado a existencia embriagando os sentidos com os diversos gosos da materia, abafando as vozes da consciencia com o som argentino dos crystaes, chocados na meza da orgia; aquelles que têm queimado, uma por uma, as petalas do sentimento no fogo vivo das paixões, correndo atraz da felicidade que para elles foi continuamente uma miragem, terminam quasi sempre a vida longe das agitações, n'algun sitio bem escondido, repousando no seio placidamente palpitante da natureza.

Aquelles para quem a entrada da vida foi um abysmo onde se despenharam as crenças, onde a felicidade foi cedo truncada pelo ferro cortante da desgraça; aquelles para os quaes a existencia era um labyrintho, onde a imaginação se lhes perdia procurando a ventura nas visões quasi sensuaes do mysticismo, iam encerrar-se n'esses tumulos geralmente construidos nos cantos mais isolados da terra, onde é ainda mais frisante o contraste entre o refterver das paixões que os consumiam e a immobilidade cataleptica do convento.

Faziam-se frades, queriam diminuir o calor que os consumia, pelo contacto da frieza marmorea do claustro.

Iam habitar os logares, como Lorvão, onde o silencio é apenas perturbado pelo sussurro monotono das aguas, quebrando-se nas pedras da encosta em rapido declive, sulcando o verde-escuro da paizagem com traços diversamente coloridos pela luz refractada.

Fugiam para a solidão dos valles, para a mudez da selva, apenas perturbada pela symphonia melancolica que o vento vibra ao perpassar pelas copas sombrias dos pinheiros.

Não temos força para dar os traços vigorosos precisos para fazer sentir a commoção que experimentámos ao descer as ingremes veredas que conduzem a Lorvão, faltam-nos as tintas que traduzam na tela o pensamento significado pelo magnifico edificio, altivo entre as humildes construcções que o cercam, humilde entre os montes que o dominam, e cujas cristas olham com saudade o traço esbranquiçado das areias que limitam o oceano e admiram os soberanos Herminios, feiticeiramente pulvilhados com as neves do inverno.

Debalde procurámos os vestigios da primitiva habitação dos monges. Não achámos a architectura formosa dos godos, admirámos apenas um edificio vasto, uma testemunha da antiga opulencia dos seus habitantes; mas, na sua architectura ligeira, não notámos a acção do tempo alterando as linhas, sellando uma obra que visse o decorrer de muitos seculos.

E para attestar isto está na parte direita do edificio, um pouco inferior ás janellas do primeiro andar, uma lapide que tem escripto:

«Este dormitorio principiou em 16 de junho de 1681, sendo abbadessa a senhora Theophila de Alvim até 24 de outubro do anno de 1683.»

Isto parece-nos provar que o convento ainda não estava concluido, pelo menos a aza direita, nos fins do seculo XVII.

A parte que na phototypia se vê de frente parece mais antiga. Um pouco acima da porta principal que julgamos estylo da Renascença, lemos estas inscrições:

POST THALAMUM ALFONSI REGIS TH

ARASIA FUNDAT.

LORVANI MONACHAS. ET MONI

ALIS OBIT.

ANNO 12.

REGIA PROGENIES PIA VIRGO

SANCIA CELLAS.

EX TRAVIT. INDE OBIEN

COELICA REGNA PETIT.

ANNO 12.

Embora isto nada nos diga a respeito da edificação d'aquella parte do edificio que não é muito anterior á outra, comtudo não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever aquellas lembranças das duas interessantes princezas, a primeira das quaes foi alli encerrar uma viuvez forçada e a segunda foi alli deixar o que no mundo resta d'uma vida mais ou menos bem empregada — cinzas.

Estão estas em cofrès feitos de laminas de prata artisticamente buriladas no Porto em 1713. Assentam sobre veludo escarlata e tem engastadas pedras de colorações diversas.

Estes tumulos collocadõs um defronte do outro ao lado do altar mór e o côro, de que hoje damos a phototypia com cadeiras de pau preto, inexcivelmente esculpidas, são os objectos mais dignos de menção que se encontram na egreja, ampla, é certo, mas sem grandes ornatos.

Ha alli algumas telas de Paschoal Parente com a data de 1782. Em duas d'ellas estão as

vistas do convento tiradas de dois pontos differentes e que o representam tal como hoje se acha; o que prova que elle já estava concluido no seculo passado.

As rendas avultadas, que levaram os monges ao desregramento pelo qual foram expulsos d'alli, continuaram ainda por largos annos a sustentar a opulencia das cistercienses.

Mas os frades bernardos, que para alli foram administral-as, fizeram revertel-as para Alcobaca, espoliando aquellas até as reduzirem a extrema pobreza.

Foi n'estas circumstancias que Alexandre Herculano as encontrou.

E então pintou elle o quadro profundamente commovedor da miseria das victimas da cubiça fradesca, n'uma tela em que as tintas parecem diluidas em lagrimas arrancadas do seu coração energicamente justo.

Os traços vigorosos da sua penna parecem sulcos de chicote nas faces de quem administra indignamente.

Hoje existe alli apenas uma freira.

O seu organismo, quasi destruido pelas privações e pelos annos, é a imagem viva do mosteiro que habita, e que a falta de reparos faz cahir pedaço a pedaço.

..

Vamos terminar, votando duas linhas á memoria da gentil heroina do poema de Garrett, á formosa irmã de D. Diniz, á primeira — leôa — da côrte de Affonso III, a sympathica D. Branca que foi encerrar a belleza dos seus vinte annos nos frios corredores do convento.

Que desgosto a levaria a trocar pela austera vida do claustro as festas brilhantes dos paços reaes, onde, nas nuvens formadas pelo ouro das suas tranças e a espuma dos seus seios, poderia arrebatara ao céo um cavalleiro namorado?!...

Coimbra.

A. RODRIGUES NOGUEIRA.

MULIER-ABYSSUS

(A t1)



A nos mares do norte um sorvedouro enorme,
 Arena onde se lucha e se aniquila e esmaga —
 Lucta onde não ha paz, batalha desconforme,
 Peleja fratricida — a vaga contra a vaga.

No torvelinho infrene, ávido, impetuoso
 Como o *simoun* ardente aos areaes baixou,
 Arroja para os céos um brado temeroso,
 Como nunca da terra aos céos se alevantou.

Mal assoma um navio ao longe, ao horizonte,
 Já o barathro fatal, nas suas convulsões,
 O envolve como outr'ora a serpe a Lacoonte,
 Ao erguer para Deus as sacras orações.

O Phlegetonte ulula e freme, esbravejando
 Na agonia cruel do extremo paroxismo
 Até que a pobre nau, descendo, remoinhando
 Vai partir-se d'encontro aos alcantís do abysmo.

Não sei por que razão... mas enlouqueço e onso...
 Attrae-me o turbilhão que o meu olhar não viu:
 É que sinto que és tu, mulher, o sorvedouro
 E eu, pobre batel, a nau que se partiu.

MOZAR.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

Fogo em seguida, sahiu da habitação de Krespel um rapaz, gesticulando desesperadamente, e mettu-se n'um carro que o esperava a distancia. Os cavallo partiam a galope, e tudo voltou ao silencio primitivo. Cada qual buscava a chave d'este enigma. Mas no dia seguinte Krespel apresentava a mesma physionomia impassivel e serena. Ninguem ousou interrogar-o. A velha governante que, guardando um segredo completo, não derogava a praxe domestica, contou apenas com certa reserva que o senhor conselheiro trouxera na ultima viagem uma esbelta rapariga por nome Antonia; que um rapaz bem apessoado, loucamente perdido por ella, os seguira e que só a colera do senhor Krespel o intimidára.

Mas todas estas meias confidencias nada deixavam descortinar do que podesse haver entre o conselheiro e a rapariga. A governante affirmava que lhe era desconhecido esse segredo intimo. O conselheiro exercia sobre Antonia a mais absoluta prepotencia, guardando-a noite e dia, interceptando-lhe todas as communições com o mundo. Era quanto bastava para que se creassem as lendas mais extravagantes. A partir d'este momento, o canto d'Antonia que apenas se fizera ouvir uma vez, tornou-se a lenda maravilha do bairro, e a invisivel rapariga o prodigio d'aquellas cercanias.

II

A isto se limitaram os esclarecimentos que pude obter.

Á custa de reflexões, enamorei-me da mysteriosa incognita, e como verdadeiro estudante, não tornei a pensar desde então senão no modo de penetrar, fosse qual fosse o meio, na ha-

bitação que escondia o meu thesoiro adorado. Queria vêr Antonia, queria jurar-lhe um amor eterno, raptal-a para a subtrahir ao jugo do seu abominavel tyranno.

Desgraçadamente para o exito do romance que nos meus sonhos esboçava, as cousas propenderam para um desenlace pacifico. Dirigi-me em primeiro logar e muito naturalmente ao conselheiro, para captar-lhe a confiança, lisonjeando-lhe a paixão pelos violinos. Imaginem a minha surpresa, quando um dia o vejo d'algum modo anticipar os meus votos! Deu-me o braço, um bello dia, e muito familiarmente, cordealmente, levou-me para casa.

Chegados ao laboratorio, mostrou-me minuciosamente os seus instrumentos, experimentou-os todos deante de mim e não me deu um só! Eram mais de trinta!... Um d'elles encimado por uma grinalda entretecida de folhas seccas, era, disse-me Krespel, a obra prima d'um fabricante ignorado; o prestigio miraculoso dos sons que desprenhia, tinha virtudes magneticas e obrigava os somnambulos a denunciarem os seus segredos mais impenetraveis.

— Nunca tive, dizia-me elle, a coragem de desmontar este violino, para estudar-lhe a conformação: parecia-me criminoso destruir um exemplar tão bello. Quando Antonia soffre, toco n'elle algumas vezes para lhe adormecer as excitações nervosas que tanto a assaltam.

Antes de nos deixar, tirou d'um pequeno cofre muito elegante um papel dobrado que me offereceu gravemente, com estas palavras: — Sei que as artes o encantam: é a paixão das almas bellas; accete portanto este papel como penhor da estima que me inspira.

Depois, sem esperar pela resposta, impelliu-me quasi insensivelmente pela porta fóra, pondo-me na rua com a mais excessiva delicadeza.

Apenas cheguei cá fóra, abri anciosamente o papel. Era uma linha de musica com esta legenda: *Fragmento da quinta a que o celebre Stamitz elevára o seu violino, ao executar o ultimo concerto.*

Esta dadiva excentrica que para mim não tinha valor algum, e a maneira ainda mais extraordinaria por que o conselheiro me fechou a porta, fizeram-me suppor que elle tivesse adivinhado o verdadeiro motivo dos meus affagos.

No entretanto eu não me desnorteei. O que importava era penetrar de novo na casa do conselheiro e conseguir encontrar-me com Antonia. Era convicção minha que um só olhar que eu lançasse á joven captiva, adeantaria colossalmente os meus projectos. Por pouco me enganai. Passados alguns dias, apresentei-me de improviso em casa do conselheiro.

A governante introduziu-me sem difficuldade, como um conhecimento antigo. Oh magnifica ventura!

Antonia estava sentada ao pé de Krespel, tranquillamente occupada a dispor ordenadamente as peças d'um violino que o conselheiro desmontára. Antonia era uma d'estas creaturas ideaes, d'uma pallidez terrivel, que parecem animadas apenas por um halito de vida.

Ao vêr-me as faces rosaram-se-lhe fugitivamente; depois tornou-se branca, como uma estatua alabastrina. Contra a minha expectativa, o conselheiro não me pareceu contrariado vendo-me com tal companhia. Mostrou-se d'uma cordialidade e lhaneza que contrastavam singularmente com a reputação de tyrannia que o cercava. Conversei muito familiarmente com elle e com Antonia, sem que elle denunciasse a minima sombra de mal estar ou impaciencia; e quando as conveniencias me inspiraram a idéa de terminar a visita, teve a extrema bondade de me dizer que sempre me receberia com a mais intima satisfação. Cahí das nuvens, comparando este homem com o lugubre retrato que d'elle me tinham feito; mas senti a necessi-

dade de ser discreto e disfarçar escrupulosamente a minha assiduidade, para não offerecer aos curiosos ou vadios o alimento de supposições compromettedoras. Krespel era d'um humor desigual, inconsequente, e por mais d'uma vez tive de soffrer-lhe as venetas.

Mas a suprema ventura de estar com Antonia compensava-me amplamente todos estes dissabores. Uma noite, achei-o d'uma jovialidade grande, communicativa. Acabava de desmontar um velho violino de Cremona, e de descobrir-lhe na estructura combinações altamente interessantes para o progresso da arte musical. A nossa conversa veio discorrendo sobre os mais celebres *virtuosos* da epoca; e eu para lisongear Krespel, não hesitei em me collocar á frente dos genios que tentam operar maravilhosas revoluções nos processos da instrumentação e na arte do canto.

(Continúa).

OLIVEIRA RAMOS.

QUADRAS



brilho d'uma estrella aerea e casta
Que um grande poema luminoso encerra,
Dizem os sabios que ás vezes gasta
Annos e annos a chegar á terra.

Porém a luz vibrante, encantadora,
Do teu olhar, creança estremecida,
Pódem correr tres seculos, que embora!
Nunca me ha de illuminar a vida!

(Das Rythmicas.)

EUGENIO DE CASTRO.

GONZAGA



QUE dôr! Crescer, abrir-se
D'esperanças opulento,
O espirito sedento
De gloria e de ventura;
Passar a infancia, triste,
Lidando em tenra idade,
Entrar na mocidade,
Já velho na amargura;

Gastar as longas noites
Do inverno humido e frio,
Travando o desafio,
A lucta com o destino;
Sentir no peito a força,
Na mente, accesa a chamma,
Que em torno lhe derrama
O seu clarão divino;

E um dia, quasi ao termo
 Chegar de tanta lida,
 A praia appetecida
 Já proxima avistar,
 Quasi a saltar do lenho
 Vencendo a travessia,
 E... subita agonia
 Fazel-o naufragar!

Achar-se de repente
 No denso nevoeiro
 Captivo, prisioneiro,
 Nas trevas da razão;
 E andar sem rumo, errante,
 Estranho, allucinado,
 Fugindo desvairado,
 Por entre a multidão!

Pois quem se não recorda
 De o vér passar inquieto,
 E a mãe — o santo affecto
 Seguindo-o — a sem ventura!
 Sempre na doce esp'rança
 Que alenta quando chora,
 De vér raiar a aurora
 N'aquella noite escura!

Passou-se o tempo. A martyr
 Orou em vão... Do filho
 No tórvo olhar sem brilho,
 A aurora não rompeu
 Então, no estreito albergue,
 Envolta da miseria
 Na tunica funerea,
 Emfim... adormeceu!...

Ao vél-a inerte, o filho
 Fitou-a silencioso...
 Em breve, pressuroso,
 Dos prados no matiz
 Corria, alheio a tudo,
 Na rapida carreira;
 E, pela vez primeira,
 O louco era feliz!...

Era já morta aquella,
 Cujo sentir profundo
 É tudo quanto o mundo
 De heroico e bello tem;
 E duas vezes orphão,
 Ditoso na loucura,
 Ignora a desventura
 De ter perdido a mãe!

.....

É sempre o mesmo! á tarde,
 Constante na romagem,
 Pendida, solta á aragem,
 A capa fluctuante,
 Caminha mudo, absorto,
 Entregue a ignoto sonho,
 Mais triste ou mais risonho,
 O misero estudante!

Sombrio, cabisbaixo,
 Olhos no chão, cahidas
 As mãos emmagrecidas,
 Passeia des'd'aurora;
 Esfarrapado e pallido,
 Cabellos desgrenhados,
 Nos labios desbotados
 Um riso que apavora!

Ao tempo em que a existencia
 Lhe promettia tudo
 Que dão talento e estudo
 A quem trabalha e espera,
Batina e capa tinham,
 No peito seu, encanto
 Que, após martyrio tanto,
 Ainda n'elle impera!

Devia ser-lhe purpura,
 E é lugubre mortalha!
 Na rispida batalha
 Venceu a desventura...
 Assim vestido, lembra-nos,
 Nas pompas d'uma festa,
 Um quadro, de que resta
 Apenas — a *moldura!!*

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

A ASCENDENCIA DAS AVES

(Conclusão)

Nos terrenos calcareos dos estados occidentaes da America encontramos typos de aves um pouco mais desenvolvidos.

Taes são o *ichthyornis* e o *hesperornis*; ambas estas aves eram grandes, aquaticas, tinham azas tão imperfeitas como as do avestruz actual, a cauda era semelhante á do *archeoptero*, e a bocca era armada de dentes de crocodilo.

Estes dentes das aves primitivas foram-se perdendo a pouco e pouco com o andar dos tempos; até que, no *odontoptero*, apenas apparecem como protuberancias irregulares do bico.

Ao mesmo tempo a selecção natural introduzia outras modificações na anatomia do novo grupo de seres.

A cauda do *archeoptero* era pouco propria para servir de leme no vôo; por isso, nos descendentes d'este animal foi-se tornando mais curta e mais larga até adquirir a fórma de leque que tem nas aves actuaes.

Os ossos do peito modificaram-se tambem, as clavículas soldaram-se, o sterno alargou-se e tomou o feitio de uma quilha; formando tudo um ponto de apoio de uma solidez inabalavel para os musculos que tinham de mover as azas.

Tambem não são pequenas as modificações que estas tinham de soffrer para passar da forma rudimentar que apresentam no *archeoptero*, para um aparelho da força d'uma aza d'aguia ou de condór.

Á medida que foram apparecendo estas modificações, foram morrendo os typos primitivos d'aves, que já não podiam lutar com as formas mais aperfeiçoadas.

Entretanto ainda hoje vivem representantes de um grupo que, n'uma certa epoca, abrangeu todas as aves da terra.

É o grupo a que pertencem o avestruz e o Rasvas da Nova Hollanda.

Este grupo tem azas rudimentares que, quando muito, lhes podem servir de auxilio na corrida, e os ossos do peito não apresentam a disposição especial que, nas outras aves, dá tanta força aos musculos do vôo.

Estas aves encontram-se no estado fossil em todas as partes do globo, e só desapareceram deante da invasão dos mammiferos; o gigantesco *Moa* da Nova Zelandia, por exemplo, só foi destruido pelo homem, e poucos annos antes da descoberta d'aquella ilha pelos Europeus.

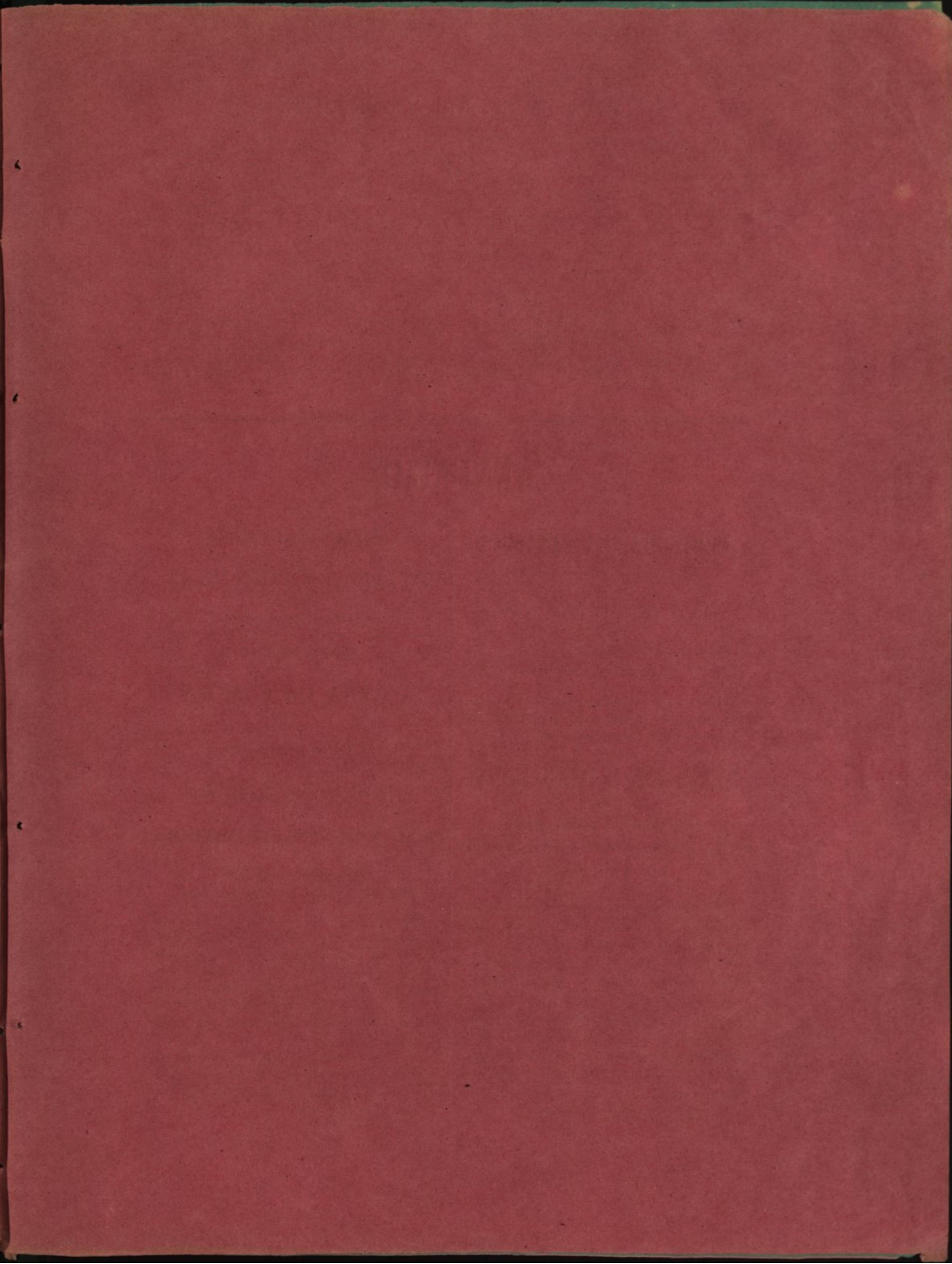
Ainda hoje existe o *Kivi* ou *aptero da Nova Zelandia*, cujas azas são completamente atrophiadas e cujas pennas mais parecem cabellos do que outra cousa.

É de animaes semelhantes a este que descendem as aves mais perfectas.

Terminaremos este artigo condensando n'uma formula succinta o resultado d'este breve estudo.

As aves são simplesmente *reptis providos de pennas*.

J. G. DE BARROS E CUNHA.



LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.^ª, successores, Carvalho & C.^ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.^ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.^ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.^ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.^{mo} sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. — VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12\$000 réis.

Amostras antes das encomendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

Neste estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do sen genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flannels, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. LUIZ DE PORTUGAL

Preço 600 réis

ARIOSTO MACHADO

A LYRA DE CAMÕES

(VERSOS)

Preço 300 réis

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador — JOSÉ LUIZ DA COSTA

Escriptorio da Empreza — Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que, por motivos muito superiores á nossa vontade, só sahi o n.º 8 do nosso jornal no dia primeiro de abril. Esperamos que no futuro sahirá com toda a regularidade. O anno terminará, por isso, no dia 15 de dezembro.

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despezas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2\$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1\$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7\$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Valleiro, 146, rua do Moinho de Vento, LISBOA. Este sr. acha-se auctorizado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

ANNUNCIOS — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O primeiro numero da «Eschola», publicação de Braga. Agradecemos.

PÉTALAS — Poesias do Sr. J. d'Oliveira Tavares Junior. Custam 500 réis.

NOVIDADE LITTERARIA

Devem sahir brevemente a lume as seguintes obras :

QUEIROZ RIBEIRO

LYRISMOS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

PER INFORMAZIONI: MILITARE - JOSE L. PIN DA COSTA

Espresso da Empress - Rua de Fátima, 281 - 287

EXHIBITIONE

Il presente catalogo illustra le opere di arte e di letteratura che sono state donate al Museo di Storia Naturale di Torino. Le opere sono state donate da vari signori e signorine, e sono state donate in memoria di loro nomi. Le opere sono state donate in memoria di loro nomi, e sono state donate in memoria di loro nomi.

Le opere sono state donate da vari signori e signorine, e sono state donate in memoria di loro nomi. Le opere sono state donate in memoria di loro nomi, e sono state donate in memoria di loro nomi.

AVISO

Il presente catalogo illustra le opere di arte e di letteratura che sono state donate al Museo di Storia Naturale di Torino. Le opere sono state donate da vari signori e signorine, e sono state donate in memoria di loro nomi.

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

Espresso da Empress - Rua de Fátima, 281 - 287

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

Il presente catalogo illustra le opere di arte e di letteratura che sono state donate al Museo di Storia Naturale di Torino. Le opere sono state donate da vari signori e signorine, e sono state donate in memoria di loro nomi.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

O PULPITO DE SANCTA CRUZ

(Ao Doutor Antonio Candido)



O 3.º volume d'uma revista interessante publicada ha annos sob a direcção do habil archeologo o senhor Simões de Castro—o *Panorama photographico*, insere o senhor Alves de Mariz um breve artigo sobre o pulpito de Sancta Cruz, em que interpreta por esta fórma os symbolos que o adornam:

«No começo da base está uma hydra alada com sete cabeças, tendo os collos admiravelmente enlaçados uns nos outros. É um symbolo dos sete peccados mortaes, terrivel veneno inoculado na humanidade pela serpente da tentação, cujo antidoto o orador sagrado do alto da tribuna evangelica ensina a applicar, para se curarem as feridas mortaes, abertas por tão astuto inimigo. Mais acima vê-se um outro symbolo. Ferem a attenção do observador curioso cinco sphinges que representam a passagem da alma humana do estado do peccado para o da graça. Quasi na maior altura da base correspondem ás sphinges outras tantas cabeças de cherubins perfeitamente esculpidas. Esta metamorphose gradual das imagens na bacia do pulpito significa com muita belleza o aperfeiçoamento successivo da alma humana no caminho das virtudes christãs, devido á sancta influencia da instrucção evangelica. Os intervallos são ornamentados com frisos, arabescos e cordões dos mais graciosos lavoies.

O pulpito propriamente dicto tem, como já dissemos, quatro faces eguaes. N'estas vêem-se em elegantes nichos os quatro Doutores da Egreja sentados em cadeiras. Nas duas faaes voltadas para o cruzeiro estão S. Agostinho mitrado sustentando com as mãos um templo, e S. Gregorio Magno de tiara pontificia e com um livro na mão esquerda. Nas outras vê-se S. Jeronymo com chapéu cardinalicio e tendo aos pés um leão, e S. Ambrosio tambem mitrado. Ambos têm um livro na mão esquerda.»

Para completar a explicação juncta o senhor Mariz os seguintes dados: que as cinco arestas do meio prisma octogonal têm duas ordens de nichos sobrepostos, tendo na metade superior as estatuetas que representam a religião e as quatro virtudes theologaes; e inferiormente, em correspondencia, o propheta rei e os quatro prophetas maiores—Isaias, Jeremias, Ezechiel e Daniel.

Os dois baldaquinos centraes são encimados pelos symbolos manuelinos— a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, com que o monarcha faustoso carimbou todas as construcções do seu reinado.

Um hespanhol, já morto e dado a estudos d'este genero, o senhor Luiz Vermell e Busquets, n'um pequeno opusculo a proposito do pulpito de Sancta Cruz declara-se o decifrador d'alguns dos symbolos que exornam esta obra prima, e chega quasi a consignar privilegio d'invenção por ver na hydra heptacephala que remata a misula a imagem dos sete peccados mortaes.

O alarido que o fallecido archeologo faz da descoberta parece despeito. O hespanhol tinha na gaveta seis volumes de *Viagens* que a posteridade teve a felicidade de não ler.

No sexto volume consignava elle a descoberta: e muito naturalmente propalou-a. O senhor Alves Mariz, tendo de descrever o pulpito, consignou naturalmente a interpretação da hydra; e, ou pelos seus conhecimentos de symbolica, como theologo, ou por uma suggestão de Vermell, succedeu coincidirem as duas interpretações. Foi quanto bastou para que o despeito do hespanhol explosisse em mais d'um ponto. Busquets ora emenda o senhor Mariz, ora o completa. Diz por exemplo que as cinco figuras superiores das arestas representam S. Helena e as sibyllas ou mulheres biblicas, e não a Religião e as quatro virtudes theologaes. As razões que apresenta são de ordem puramente symbolica e theologica: não entro na sua apreciação por superiores á minha intelligencia, muito arredada de divagações celestiaes.

Parece-me razoavel um dos reparos de Vermell. Nota elle o anachronismo de estar um dos prophetas vestido d'armadura de ferro, com um manto no gosto medieval. Ao archeologo parece-lhe que a estatueta antes representa Affonso Henriques, fundador do templo. Atrevo-me a perfilhar a opinião de Vermell, por ser coisa profana, e, além de profana, verosimil.

Os quartos de circulo superiores ás pilastras têm varios bustos: o de um papa, o de Lucrecia, um busto que talvez seja o do auctor do pulpito e o de Marco Aurelio, *por lhe faltar pouco para ser christão*, diz o hespanhol.

Eu dou tudo isto pelo preço: mas acho completamente inverosimil e absurdo que o auctor se collocasse intrusamente n'uma galeria historica, onde estava Lucrecia, sabendo que Tarquinio não era para graças. Mas o despeito do hespanhol vai explosir sem ambiguidades. Diz o homem:

«No corpo circular do pulpito vêem-se cinco chymeras e não esphinges *como alguém escreveu*, pois que as esphinges representam-se em fórma de quadrupedes com cabeça e peitos de mulher, nunca porém ataviadas como alli se vêem as dictas chymeras.»

Depois o hespanhol combate a idéa de que as chymeras representem alguma coisa mais do que um simples ornato, o que vai ainda de encontro ao senhor Mariz, que viu n'ellas a transição de dois estados da alma, por motivos extranhos á minha competencia profana, ou, melhor dizendo, á minha incompetencia sagrada.

Até aqui a descripção do pulpito: vejamos agora as duas questões que tem suscitado:— qual o seu auctor? qual o seu estylo?

Declaro muito francamente que acho insignificante a primeira questão. O orgulho nacional, que ainda hoje reponta em militares antigos e nos compendios de chorographia, seria incentivo em alguns para destrinçar o problema. Mas o senhor Vilhena Barbosa no undecimo volume do *Archivo Pittoresco* e antes d'elle e depois d'elle outros archeologos eminentes e incansaveis, desilludiram-nos a esse respeito.

O pulpito de Sancta Cruz, que no fundo é uma obra decorativa, architectonica, adornada com estatuetas, baixos relevos e animaes phantasticos que não fazem objecto da zoologia, é indubitavelmente uma obra estrangeira.

Os tumulos de D. Constança, D. Ignez de Castro e D. Pedro 1.º, o mosteiro de Belem, as capellas imperfeitas da Batalha, o convento de Christo em Thomar, são producções artisticas que revelam tanto a magnificencia da nossa architectura, como a imperfeição da nossa estatuaria. Ora todo o trabalho d'esculptura do pulpito é d'uma perfeição contradictoria com o que temos feito no paiz.

O pulpito é obra estrangeira e o seu auctor é francez ou italiano — é pelo menos entre estas duas affirmações que vacilla a opinião dos archeologos.

Ainda não ha muito que o mallógrado e eminentissimo archeologo Filippe Simões optava, n'uma conferencia, pela primeira opinião, attribuindo o pulpito a Jean de Rouen, o escultor francez que, segundo o testemunho de Mendanha veiu a Portugal, por ordem de D. Manuel, reedificar o templo junctamente com *Maitre Nicolas*, Jacques Longuin e Uduarte.

O senhor Vilhena Barbosa optou pela proveniencia italiana. Seja como fôr, o facto é que se ignora quaes fossem os auctores das tres obras primas que temos na architectura, na esculptura em madeira e na esculptura em pedra — o convento da Batalha, conjecturalmente attribuido a Affonso Domingues, o retabulo do altar-mór da Sé Velha e o pulpito de Sancta Cruz. Isto evidencia bem a negligencia dos nossos antepassados, bonacheirões em assumptos d'arte.

Os chronistas e massadores móres d'este reino não recuaram diante da prolixidade medonha de enumerar os incidentes minusculos com que sobredouraram a galeria dos nossos monarchas e dos nossos frades: mas dedignavam-se de consignar nos alfarrabios que nos legaram as tentativas mais brilhantes que se fizeram no paiz para levantar a arte que elles não comprehendiam.

Mas vamos ao problema que mais interessa: que estylo accusa o pulpito de Sancta Cruz? Que eu saiba, apenas tres opiniões se têm levantado: a do conde A. Rackzinsky, a do senhor Vilhena Barbosa e a dos que pretendem que seja um documento do estylo nacional conhecido pela designação de *manuelino*. A opinião do conde A. Rackzinsky, de que o pulpito denuncia o mais puro estylo gothico, está completamente posta de lado como profundamente erronea. De gothico, o pulpito apenas tem os baldaquinos vasados de surpreendente execução, que embellecem as arestas. Está é a opinião do senhor Vilhena Barbosa, que nos parece justa. As outras duas opiniões foram numerosamente partilhadas pelos archeologos. Quanto a nós, a opinião de que o estylo do pulpito é manuelino está naturalmente collocada de parte por todos os motivos.

A feição dominante do estylo manuelino é a da grande agitação da epocha que reflecte — epocha de lucta e grandeza, de movimento e aspiração. Acha-se estampada na pedra em todos os monumentos que a munificencia d'um monarcha abastado e feliz levantou sobre o solo portuguez: insinuou-se nas filigranas e arabescos mais imbricados e subtis que se entretecem graciosamente nos pratos e gomis da ourivesaria portugueza do seculo XVI.

A este proposito nada mais bellamente escripto do que a descripção d'uma das salas da exposição ornamental, feita n'um livro interessantissimo pelo fallecido Augusto Filippe Simões.

«Entre, meu amigo, na sala M, examine os grandes exemplares da ourivesaria religiosa alli expostos, e diga-me se plausivelmente se póde contestar a existencia de um estylo nacional, proprio do seculo XVI, e gerado e desenvolvido nas mesmas condições que produziram a architectura denominada *manuelina*. Na ourivesaria, porém, o estylo affirmou-se, individua-

lisou-se mais que na architectura. Parece que o genio dos artistas, menos ligado á observancia das regras estabelecidas e á imitação dos modelos, podia expandir-se mais livremente em creações tão imaginosas como originaes.

«A profusão de ornatos e de figuras que se entrelaçam e atropellam, que não destacam bem umas das outras, pela falta de vazios intercalares, a fórma convencional das arvores, a imaginosa e exaggerada phantasia dos monstros e chymeras caracterisam estas obras notaveis da ourivesaria portugueza na primeira metade do seculo XVI.» E mais adiante:

«A primeira impressão, ao contemplar uma d'estas obras, é confusa e vaga. Depois a vista começa a distinguir as particularidades do intrincado conjuncto: anjos, patriarchas, guerreiros a pé e a cavallo, reis, chymeras, tendas, castellos artilhados e guarnecidos de mosquetes, escadas de assalto, canos com provisões de guerra, luctas, caçadas, arvores, ramagens, ornatos de toda a especie.

«As vezes o mar povoado de galeões e monstros marinhos; deuses fabulosos e sanctos do calendario romano; a par com a mythologia o christianismo; junctamente com os medalhões da renascença os velhos ornatos gothicos. É a historia da epocha, escripta no metal; são as idéas que inspiraram Camões influindo da mesma sorte na imaginação dos artistas.» E por fim:

«Para os portuguezes do seculo XVI viver era luctar, luctar com o oceano, com as tempestades, com os homens, com os animaes. A lucta, portanto, a feição proeminente dos costumes, tornava-se o assumpto predilecto dos artistas.» Não é difficil ver accentuada n'estas palavras duas affirmações, mais ou menos explicitas. A primeira é que tivemos um estylo nosso, autonomico, inspirado directamente nas circumstancias extraordinarias que o produziram: a segunda é que esse estylo, esse movimento artistico, sem detrimento da sua originalidade e autonomia, não pode por fórma alguma subtrahir-se ao influxo immenso da Renascença, essa encantadora efflorescencia que brotou do espirito sombrio, tenebroso e mystico da meia idade, como um sol de inverno. O que define a tendencia artistica d'esta crise é a mescla erudita e emmaranhada de todas as fórmas antigas, a exhumação miraculosa da arte extincta feita á voz d'um novo Christo que resuscitasse o Lazaro pagão. Este pulpito de Sancta Cruz, como os Luziadas, desde a misula ao balcão tem buriladas e enlaçadas todas as velhas civilisações. A Grecia pela mythologia, Roma pelos seus imperadores, pelos papas, o paganismo nos seus grandes luminares, o christianismo nos seus sanctos, no seu espirito, tudo se entranhou na pedra pelo cinzel do imaginoso artista desconhecido. Os petrechos da lucta maritima, da caça, da navegação, que constituem o sainete, a graça, o realce da fórma manuelina, tudo alli falta. De manuelino, o pulpito apenas tem a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo. Da Renascença tem tudo o mais. Mas ha uma razão ainda de ordem puramente esthetica, que nos impelle a acceitar o feitio artistico d'este primoroso rendilhado como de pura Renascença. Esse motivo é um corollario do que temos dicto e resalta do conflicto d'estas duas affirmações — a originalidade d'um estylo architectonico portuguez e ser o pulpito de proveniencia extranha. Embora pareçam contestaveis a mais d'um archeologo erudito, para nós a originalidade d'um estylo portuguez é uma convicção arreigada e consciante. A architectura, segue nos seus grandes periodos, as agitações colossaes que precedem e acompanham a consolidação das nacionalidades, ou o latejar da sua hegemonia. Garrett, o impeccavel dramaturgo teve d'esta verdade uma intuição definida quando escreveu:

«Eu creio seguramente que se podem marcar cinco epochas d'arte em Portugal, cujos estylos estão bem caracterisados em seus diversos monumentos. O primeiro o affonsino ou quasi gothico; o segundo o joannino ou quasi normando; o terceiro o manuelino, propriamente portuguez; o quarto o philippino ou da restauração classica; e o quinto finalmente o moderno.

«Do novissimo, que poderia marcar uma sexta epocha, temos poucos exemplares, e não vem para aqui fallar d'elle.

«O claustro de Belem pertence incontestavelmente á terceira epocha ou estylo, o manuelino. Bem como a egreja d'aquelle mosteiro, elle ata e infeixa com suas inredadas laçarias todos os generos de architectura, confundindo as tradições gothicas e as reminiscencias classicas, a simplicidade normanda e a luxuriante riqueza moirisca.

«Domina porém sobretudo um pensamento nacional e proprio, uma idéa de grandeza, de elevação e de enthusiasmo, que geralmente caracterisam aquella epocha desde os ultimos annos de D. João II, no glorioso reinado de D. Manuel, no de seu filho, e até o fim dos heroicos e malfadados arrojos de D. Sebastião.»

Vê-se portanto que aos periodos mais importantes do nosso drama historico correspondem as culminações da architectura portugueza. A conquista do territorio e a expansão do nosso genio maritimo, os dois movimentos mais energicos e autonomicos da nossa raça, geraram os dois systemas de condições aptas para a produção de dois estylos nacionaes. Sendo assim, uma obra d'arte estrangeira como o pulpito de Sancta Cruz, a ser feita no estylo manuelino, só poderia ser o que não é — uma imitação. Este pulpito é pelo contrario uma obra distincta, nitida e sincera; a imitação nunca produz obras primas, amalgama *pastiches*.

É um capitulo aberto em pedra, cheio de erudição, de citações gregas e romanas, com umas graciosas reminiscencias mythologicas; aberto em pedra, mas com pulso leve e destro, pulso de estylista elegante e aristocratico para o qual não ha mysterios na linguagem impenetravel do marmore.

OLIVEIRA RAMOS.

BRANCA

DEPOIS de sustentar que este seculo vai arrefecendo os corações, Julio insistiu em que, não obstante, ainda existem amores sinceros, ideaes; e, como prova, contou-me a historia de Branca.

«No seu recato de virgem, Branca ficou espantada ao ver o gato da vizinha. O gato era valente e bonito; e nos seus grandes olhos circulares transparecia uma bondade rara.

Quem não gostaria de Branca? Era tão esperta e sensivel, que, ao mais insignificante olhar de reprehensão, se accommodava immediatamente, amuada, pezarosa; e ao mais leve signal d'alegria saltava-me aos hombros, e, com a sua pequenina cabeça d'arminho, dava-me turras amigaveis, d'uma delicadeza extrema. Eu era verdadeiramente doido pela minha Branca. Amava-a tanto! Não o imaginas!

Quando dormia mais tempo que o necessario, ella — vê como era fina, percebia-o logo;

e comsigo pensando talvez: «Que preguiçoso!» — saltava-me acima da cama, batia-me com a mãozinha no nariz, puxava-me pelo cabello, e ás vezes até a brejeirinha tentava descobrir-me. Logo que me via a pé, dirigia-se-me á banca d'estudo, mexia-me nos papeis, bulia-me nos livros, como se dissesse: «Estuda, cábula!» á similhaça do escravo que bradava: «Dario, lembra-te dos athenienses!»

Branca, não lhe leves isto a mal, era curiosa; portanto, quando alguém me visitava, ella apparecia sempre. Ás vezes era um massador que me vinha alongar o tempo. Ella, presentindo-o com a peculiar finura das femeas, assentava-se n'uma cadeira, fitava o impertinente com um tal olhar d'enfado, que, podes crel-o, muitos, não podendo resistir ao incommodo causado por aquelles brilhantes olhos verdes enfastiados, se retiravam mais cedo do que teriam supposto. D'outro modo procedia, sendo amiga a pessoa que me falava. Com toda a semcerimonia assentava-se-lhe nos joelhos, puxava-lhe pelo fato, corria, saltava, pondo tanta graça nos seus movimentos, que ninguém deixava de fazer-lhe festas.

Branca, a minha linda gata, retribuia-me com largueza a amizade que eu lhe tinha. Esta amizade não diminuiu depois de ver o gato da visinha, de com elle ter relações e, por fim, depois de se amarem.

Que deliciosos dias de ventura, de amor, de poesia não passaram Branca e o gato, em cujos grandes olhos circulares transparecia uma bondade rara? Quem sabe? Talvez ainda hoje vivesse Branca, se não tivesse sido tão rigoroso aquelle inverno em que ella adoeceu, a ponto de não poder sahir da pequenina cama, fófa, agasalhada. Tinha, doente, gemidos que me compungiam; e no seu olhar amortecido pairava um mixto de resignação e tristeza.

N'uma sombria tarde d'aquelle inverno rigoroso, uma chuva miuda cahia enlameando as ruas. Uma restea de luz, coada pelos vidros baços d'uma janella, ia bater n'um espelho, que n'aquella occasião estava assente no sobrado e encostado a uma das paredes. Eu trabalhava no meu gabinete, quando um sentido *miau!* da minha pobre Branca me surpreendeu: era ella que, presentindo a morte, vinha dizer-me o adeus derradeiro. A doença tinha-lhe enfraquecido a vista: de sorte que, olhando para o sitio onde estava o espelho e não reconhecendo a imagem, correu para ella, na persuasão de que era o gato da visinha. A enorme violencia do esforço empregado matou Branca, deixando-a estirada juncto do espelho, com a bócca unida á fria superficie do vidro. E Branca e a sua imagem pareceram-me duas irmãs gêmeas dormindo.»

LOPO DE CASTRO.

EPOPEIA DO CALVARIO

Ao Sr. Camillo Castello Branco

I

A Anunciação

VINHA morrendo o dia... Tristemente
Adejava no azul illimitado
A lua merencoria e transparente.

No seu catre virgínio e delicado
A loira virgem suspirava, emquanto
Agonisante, rubro, illuminado,

O sol gemia o derradeiro canto
D'essa epopeia tragica e sombria
Toda inundada d'um funereo encanto.

N'isto, eis que a Virgem, desmaiada e fria,
Vê um anjo de fulgida belleza,
Dizendo-lhe baixinho: «Ave, Maria.»

Cheia de mêdo e susto e tibieza,
Esconde a sua frente no cabello
Tomando uns ares de casta singeleza.

O anjo então ao ver-lhe o rosto bello
Aonde não pairava nem sequer
Uma sombra, lhe disse com desvelo:

«Deus é convosco, tímida mulher,
«Bemdito seja pois, lyrio nevado,
«O fructo que teu seio conceber.»

E a virgem com seu labio desmaiado,
Da lua cheia ao pallido fulgor,
Repetia no catre immaculado:

«Seja feita a vontade do Senhor.»

EUGENIO DE CASTRO.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

ANTONIA fixava sobre mim os seus grandes olhos, cheios d'uma animação extraordinaria. De repente, como se uma sensação electrica a convulsionasse, levantou-se, correu ao cravo, abriu-o e eu julguei que ella ia executar pela segunda vez aquella musica fascinadora cuja recordação fazia sonhar os que a ouviam. Mas Krespel precipitou-se sobre Antonia, puchou-a violentamente para traz, arrancando-a do cravo; depois, voltando-se para mim, o olhar incendiado e as feições crispadas, atirou-me com uma voz estridula estas palavras inesperadas: — é tarde, meu caro senhor, e a escada é bastante escura para que possa partir o pescoço sem intervenção do diabo; faça-me pois, o favor de sahir e de não tornar a pôr aqui os pés!...

Um raio, que cahisse a meus pés, não me teria causado maior estupefacção do que este inexplicavel incidente. Expulso á vista de Antonia, que nem se quer fizera um gesto ou proferira uma palavra para me reter ou acalmar o extraordinario acesso de irritação, cujas consequencias o pai me infligia sem motivo; banido da presença d'uma filha adorada por quem me julgava amado; exposto ao ridiculo desde que se espalhasse aquella aventura, hesitei no que deveria resolver! No dia seguinte tomei o unico partido que podia acalmar a dôr que me alanceava. Abandonei a cidade de H***, jurando não tornar a apparecer alli. A ausencia e o tempo curaram-me lentamente. A imagem de Antonia, apagando-se das minhas recordações, adormeceu no fundo da minha alma como uma esplendida visão, cuja realidade me não preoccupava já.

(Continúa.)

OLIVEIRA RAMOS.

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

O SOL, ORIGEM DA VIDA

NA natureza nada se cria e nada se perde. Ha apenas transformações.

A planta germina e cresce, haurindo a seiva nos meios que a cercam, expande-se, abrindo as corollas perfumadas para receber os beijos calidos do sol de abril e, por fim, definha e morre, cedendo os elementos que havia bebido pelas raizes no seio da terra e pelas folhas na atmosphaera que a vivificara.

O projectil, arremessado no espaço, vai abrindo passagem por entre as moleculas do ar, a que communica uma parte da sua velocidade, até que, obedecendo constantemente ao seu peso, toca a terra, o alvo, despedaça o obstaculo, aquecendo-o e aquecendo-se — uma manifestação do movimento de que ia animado.

E a força impulsiva, gerada pelo calor que decompoz a substancia explosiva, transforma-se assim em novo calor e em movimento. O ar agitado produz o ruido que vai repercutir-se nas quebradas dos montes até se extinguir em murmurios que lentamente se diffundem na immensa vastidão do espaço.

A vida é um incessante gyrar de elementos nos laboratorios da natureza. Alli circulam continuamente, decompondo-se e recompondo-se até chegarem ao mesmo ponto como já alli haviam passado.

É n'esta circulação ingente que a planta desaparece para apparecer o animal e que este se decompõe para dar logar á planta. É n'este circulo tambem que o calor produz essa multiplicidade de movimentos que por sua vez se transformam para dar existencia a novo calor.

Mas esta energia enorme, que alimenta a vida da natureza, precisa d'um *quid* que a entretenha, necessita d'um operario athletico que alimente os fornos dos seus vastissimos laboratorios.

Esse operario é o sol.

A sciencia, a fada dos tempos actuaes, que emprestou a sua vara prestigiosa a Galliléo, Kepler, Papin, Arago e Edison para levantarem os grandes monumentos da civilisação moderna, despiu o sol dos seus attributos divinos, para apresental-o aos olhos dos novos crentes como a fonte inexgotavel onde se alimentam ha milhares de seculos todas as energias terrestres.

Se o sol já não é o Deus perante quem o idolatra se curva reverente a dedicar-lhe fervorosas orações quando elle desponta a illuminar as cumiadas, é comtudo o motor ingente que o sabio sauda como origem fecunda de todas as potencias mechanicas.

Se com mão profana lhe arrancou o manto sagrado, intangivel para o ignorante, e lhe estudou a constituição, o mediu e pesou; se, finalmente demonstrou que nos proprios deuses ha manchas, nem por isso deixa de prestar-lhe culto como arbitro do nosso systema planetario, como origem da vida.

Admira-o; porque sem elle teriamos o chaos, trevas horrosas, n'uma palavra, a morte dominando irresistivel.

Mas o que tem custado esta mudança nas ideias, — a superstição substituida pela verdade!

Que o digam os martyres do progresso.

Embora, a verdade ha de por fim prevalecer. É por isso que, depois da condemnação de Galliléo, como impio, por ir de encontro á opinião de Josué, que mandou parar o sol, aquelles que o accusaram, desculpam agora a ignorancia do heroe das escripturas pela ignorancia d'aquelles a quem fallava. É por isso tambem que elles alargam espantosamente os dias da epocha genesiaca para porem d'accordo a chronologia mosaica com os dados irrefragaveis da sciencia moderna.

Variam as interpretações da Biblia com o tempo em que são feitas!

Mas voltemos ao nosso assumpto, mostrando que o sol é origem do movimento.

(*Continua.*)

A. RODRIGUES NOGUEIRA.

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.^a, successores, Carvalho & C.^a; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.^a, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.^a; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.^a — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.^{mo} sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. — VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12\$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(Á Portagem em frente da ponte)

Neste estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candeiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candeiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

MERCEARIA E TABACOS

4, 5 — Largo da Feira — 6

COIMBRA

Grande sortido em assucar, chá, café, arroz nacional e estrangeiro, massas de todas as qualidades, bolachas, chocolates finos, gomas finas de Lisboa, brancas e aniladas, sabão, azeite, papeis para escrever, vinhos do Porto, e muitos outros artigos que se vendem por preços commodos.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador — JOSÉ LUIZ DA COSTA

Escriptorio da Empreza — Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despesas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2\$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1\$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7\$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalheiro, 146, rua do Moinho de Vento, LISBOA. Este sr. acha-se auctorizado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

ANNUNCIOS — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O primeiro numero da «Eschola», publicação de Braga. Agradecemos.

PÉTALAS — Poesias do Sr. J. d'Oliveira Tavares Junior. Custam 500 réis.

NOVIDADE LITTERARIA

Devem sahir brevemente a lume as seguintes obras:

QUEIROZ RIBEIRO

LYRISMOS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

RYTHMICAS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

Acabam de sahir á luz

CRYSTALISAÇÕES DA MORTE

(Versos)

Preço..... 100 réis

Todas as requisições devem ser feitas a J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

ANNUNCIOS

GUILHERME MELCHIADES

LISBOA

Encarrega-se de encomendas de todo e qual-
quer artigo á venda em Lisboa ou no estrangeiro,
mediante pequena commissão — Descontos de le-
tras e cobranças de dividas — Compra de papel
bancario sobre o estrangeiro ao cambio do dia —
Representação na capital de negociantes e fabri-
cantes das provincias do paiz.

Escrever, franco de porte, a — *Guilherme Mel-
chiades* — LISBOA.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

Neste estabelecimento encontra-se um completo
e variadissimo sortido em fazendas do seu genero,
taes como: pannos crus, patentes, familia de uma
só largura para lençoes, abretanhados e em sarja.
Chitaria, ramagens, bretanhas de linho e algodão,
flanellas, baetilhas, riscados, brins, lenços d'algo-
dão, bretanha de linho e seda. Chalaria, mantas,
laços de cambraia e seda. Ruges, collarinhos, punhos,
sombrihas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas,
guarda-lamas, sapatos, meias, pingas brancas e de
côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

A. S. SOUSA

PHOTOGRAPHIA ACADEMICA COIMBRICENSE

RETRATOS INALTERAVEIS EM CHROMOTYPIA
DESDE MINIATURA AO TAMANHO NATURAL

4 — Rua do Museu — 4

Cartão de visita, doze.	3\$500
„ „ seis.	2\$000
„ album, doze.	9\$000
„ „ seis.	4\$500
Em tamanho natural.	18\$000

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de
louças para jantar, ditos para chá e café. Can-
dieiros para cima de mesas, ditos de suspensão
e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vi-
draça de todas as qualidades. Grande sortido
de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto
e muitos outros artigos que vende por preços
reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos
candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de
fogo circular, os quaes produzem melhor luz e
economia em chaminés.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

CÔRO DO CONVENTO DE LORVÃO



DEPOIS da vista geral de Lorvão e do claustro do mesmo mosteiro, acompanhados de valiosos escriptos do nosso amigo o senhor Rodrigues Nogueira, apresentamos hoje uma phototypia representando o côro da Igreja d'aquelle convento.

É a joia de maior valor artistico que se acha perdido entre aquellas serranias majestosas, *intra-muros* do convento em ruinarias, por cujos claustros passou já a imagem sympathica e gentil de D. Branca, a infanta mystica, em cujo nome o visconde d'Almeida Garrett encontrou assumpto para um poema inteiro.

O côro, situado no mesmo pavimento da igreja, e separado d'esta por um portão de ferro, constellado de finissimos arabescos de bronze, consta de cem cadeiras de páu preto, cobertas lateralmente de labores d'uma execução magistral, e encimados por baixos relevos d'uma finura que extasia e prende, e que já pela delicadeza dos mais pequenos detalhes, já pelo bem traçado das imagens, fazem lembrar os artefactos chinezes que os mais aprimorados cinzeis da raça mongolica apresentam em cofres preciosos de sandalo oriental.

Estes retabulos em miniatura, representam diversas allusões religiosas, artisticamente escolhidas e melhor executadas: ha sobre tudo alguns verdadeiramente assombrosos.

Lateralmente ao portão, que é tambem uma obra magnifica, ha duas portas: uma á esquerda para o claustro; outra á direita communicando com o interior do mosteiro.

Superiormente acha-se o orgão, hoje em decadencia visivel, mas um dos melhores no seu tempo segundo as informações que lá mesmo nos deram.

Alguns paineis a oleo encobrem as paredes.

Simões de Castro, um escriptor muito distincto e correcto, diz-nos [algures fallando de Lorvão, que o côro d'este convento «é talvez a obra mais notavel que no seu genero existe em Portugal.»

Aqui tem a minha sympathica leitora a descripção despretençiosa e sem minucias d'esse thesouro artistico, que, admirado detalhe por detalhe, nos captiva, ao passo que nos abysma quando lhe fitamos o todo.

Coimbra, 1884.

EUGENIO DE CASTRO.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

III

Dois annos depois viajava eu pelo sul da Allemanha.

A cidade de H*** achava-se no meu itinerario, era-me impossivel evital-a. Ahi pelo declinar do dia, estava eu quasi a chegar lá, quando, de repente, uma oppressão que me difficultava o respirar me obrigou a abandonar a carruagem, para acabar o trajecto a pé. Apenas tinha dado alguns passos, quando ouço um canto suave e triste, por entre o badalar longinquo dos sinos, annunciando-me que um despojo mortal ia ser confiado á terra.

Apressei o passo, como para fugir d'um phantasma.

Palpitava-me que um pedaço de minha alma, da minha vida, acabava de sepultar-se com o morto desconhecido cujos funeraes expiravam. Propellido por uma força irresistivel, dirigi-me machinalmente para casa do conselheiro Krespel. A grade do jardim estava aberta. O conselheiro contorcia-se, como um homem louco de dor, entre os braços de duas pessoas vestidas de lucto, que forcejavam por trazel-o a casa. O vestuario do conselheiro não tinha mudado, apenas tinha no chapéu um crepe negro, e suspenso ao lado, á laia d'espada, o arco da rebeca.

— Meu Deus, pensei eu, o pobre homem endoideceu!

Aproximei-me. Krespel reconheceu-me: Bemvindo seja, disse-me elle, vejo que me não quer mal! Venha, ha de comprehender-me melhor do que esta gente!...

Dizendo-me isto, despediu com um signal as pessoas que o acompanhavam, e arrastou-me, com passo rapido, para o gabinete de trabalho onde todos os violinos estavam dispostos por ordem. Estavam todos cobertos de lucto. Faltava na collecção o violino de Cremona. No lugar d'elle estava suspenso um ramo de cypreste.

— Comprehendi!... Antonia!... exclamei dolorosamente. Krespel estava de pé, defronte de mim, o olhar fixo, os braços cruzados no peito.

— Quando ella morreu, disse-me elle lentamente, a alma d'este violino soltou, partindo-se, um som queixoso, e a caixa de harmonia fendeu-se em tres estilhaços. Este instrumento, que ella amava tanto, não podia sobreviver-lhe. Encerrei-o no mesmo tumulo, ao pé d'ella!...

(Continúa.)

OLIVEIRA RAMOS.

SECÇÃO LYRICA

Nossa secção lyrica tem hoje a visita de dois litteratos de talento: Alexandre da Conceição e Eduardo de Araujo.

A poesia «Salva» foi composta com o fim de ser recitada por uma creança debil e fraca que a medicina disputou gloriosamente á morte, que *sahiu envergonhada* da contenda, para nos servirmos da expressão pittoresca do poeta.

As quadras de Eduardo d'Araujo foram recitadas pelo primoroso e sentido lyrico no sarau ultimamente dado no theatro Academico a favor da Sociedade Philantropica. Tão simples como formosas!

SALVA

A onda do destino
Sobre a praia da vida
Depoz, concha partida,
Meu ser leve e franzino.

Flôr melindrosa e branca,
Que ao frio desfallece,
Que a luz amarellece
E o vento esfolha e arranca,

Eu, pomba perseguida
Pelo falcão da morte,
Tinha perdido o norte,
Voava entontecida.

Da lucta no paroxismo,
Ferida, extenuada,
Arveloa fulminada,
Ia cahir no abysmo

E pallida e sombria
A morte — a mim, tão nova! —
Apontava-me a cova
Humida, negra e fria.

Em volta do meu leito
Os meus, postos de bruços,
Fundiam em soluços
Os ais presos no peito

E branco de luar
Um rosto magoado
Das sombras do passado
Fitava-me a chorar.

Então uma alma forte
Um anjo, um salvador
Mandou calar a dôr,
Mandou sahir a morte

E a morte, fulminada,
Baixou os olhos baços,
Deixou pender os braços,...
Sahiu envergonhada.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

QUADRAS

A PAGANDO-SE o disco resplendente,
Sobre as ondas do mar o sol desmaia;
Uma a uma rolando docemente
Vem as ondas bater d'encontro á praia.

Como o sol desmaiando sobre as aguas,
Como as ondas rolando pelo chão,
Mergulha o nosso amor n'um mar de maguas
E as maguas vêem bater no coração.

II

O vento está carpindo amargamente
Queixas talvez d'algum astro proscripto,
D'algum astro perdido no infinito
Destinado a chorar eternamente.

Na carreira veloz de fugitivo
Que procura recondita paragem,
N'um soluçar pungente e convulsivo
Arranca as folhas verdes da ramagem.

Como o vento cruel despe o arvoredor,
Ó desalento, de arrancar não canças
Illusões que arreigamos em segredo,
Folhas verdes das nossas esperanças.

III

De um templo derrocado nas ruínas
Brotam flôres de face contristada:
Lirios brancos d'alvura immaculada
Entre as côres modestas das boninas.

E na ruína do esplendor d'outr'ora
É cada flôr agreste que brotou
A perfumada lagrima que chora
Lembranças da grandeza que passou.

Se as nossas esperanças já murcharam,
Brotam n'alma saudades do passado,
Como as flôres agrestes que brotaram
Nas ruínas do templo derrocado.

EDUARDO D'ARAÚJO

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

O SOL, ORIGEM DA VIDA

(Continuação)

NO inverno, quando a familia se agrupa em volta do fogo na doce placidez das conversações intimas, enquanto as creadas mordem o linho e ateiã as brazas, a chuva saltita pelos telhados em psicatos somnolentos.

É então que as beatas rezam pelos que andam sobre as aguas do mar e a ama conta as historias

às criancinhas que as ouvem tremendo, abrindo uns grandes olhos limpídos, attentando na narradora, que as tem suspensas dos labios emquanto o vento assobia pelas fendas das janellas, soltando as notas agudas d'esse immortal concerto que a natureza faz variar constantemente.

Ouvem-se lá fóra os arrancos do arvoredado, torcido pelas nortadas, os gritos d'angustia do carvalho despedaçado pelo impulso gigante, e o dô tufão, misturados, perdidos no confuso vozear dos elementos em lucta.

O rio, apertado no leito, morde a margem, ulula desesperado, espuma, revolve-se convulso, e juncta as suas notas violentas a este bramir ingente. Tem rugidos roucos, temerosos ao despénhar-se nos abysmos em cataractas nevadas, tem murmúrios vingativos quando se contorce ao circumdar a rocha, que pouco a pouco vai alluindo, vai roendo até arrastal-a, precipitando-a no immenso pego que alli já cavára.

E d'esta queda resulta um novo accorde, das profundidades do abysmo sae um rugido enorme que o ar espalha confuso, repercutido, na vasta amplidão do espaço, augmentando esta catadupa de sons.

Dir-se-hia que a natureza teve uma crise nervosa. Agora é mais socegada; apenas de instante um estremecimento, um grande suspiro — mais uma lufada que açoutou os pinhaes, e recahe no silencio.

Apenas se ouve o susurro constante do rio a resvalar por entre a rocha, e o moinho a acompanhar em surdina, movendo-se sempre pelo impulso da agua que espadana nas palhetas e mais longe os martellos d'uma fabrica batendo o compasso ao *pirarem* a lâ que revolteia debaixo d'elles.

E em casa o lume começa a apagar-se, as fiandeiras começam a cabecear, a ama calou-se; e as creancinhas dormem com a cabeça descabida sobre as mãos ageitadas sobre o bancô. Sonham com phantasmas, vão-se tornando medrosas, tem medo do demonio, que de pés farpados percorre os campos em noutes como aquella!

Agora que ellas dormem o pezado somno dos innocentes, crendo no que lhes disse a creada: «que o rio tambem dorme duas horas» não os accordemos; mas amanhã, quando o sol entrar alegre pelas janellas, quando ellas alegres vão saltar para o campo, que parece mais novo, mais viçoço, dir-lhes-hemos, ao voltarem córadas, offegantes depois de correrem atraz das borboletas¹:

Que se não fosse o ar ellas não podiam viver, morreriam afogadas como os que cahem n'um poço; mas que, se elle não fosse necessario para a vida, correriam mais depressa; porque o ar é um corpo que ellas tem de desviar para caminharem.

Demonstra-se-lhes isto fazendo-as agitar os chapéus para sentirem a resistencia e comparar esta com a que impede que agitemos um páu rapidamente na agua.

Embora o ar se não veja, comtudo é material, é pezado, que se sente quando está vento e quando vimos da rua e entramos n'uma sala agasalhada, aquecida pelo fogão acceso, alli a um canto.

Que o ar se compõe principalmente de dois gazes invisiveis — *Oxigenio* e *azote* e outros corpos taes como *acido carbonico* e *vapor d'agua*, de que mais tarde lhes mostraremos a utilidade. Tem em suspensão outros corpos solidos, visiveis n'aquelles raios de sol que entram nas casas de tecto esburacado. Apontam-se luminosos até se perderem na obscuridade, quando saem do traço direito que o sol descreve do orificio do telhado até ao circulo illuminado que brilha no sobrado.

Hontem quando ellas estavam ao lume, ouvindo as historias, decerto sentiram frio nas costas emquanto que o rosto se lhes afogueava, aquecido pelo fogo; e viram subir aquellas particulas de cinza, misturadas com o fumo.

É que o ar em contacto com o fogo aquecera, augmentara de volume, tornara-se mais leve e subira, emquanto que o ar vinha dos lados para o logar do que havia subido.

Este ar que vinha de fóra é que os fez sentir frio. O ar quente elevava-se, como se elevam os balões de papel que *deitaram* na festa. Sobem pela mesma razão que um páu mergulhado na agua vem á superficie. É mais leve do que a porção d'agua que desloca.

(Continúa.)

A. RODRIGUES NOGUEIRA.

¹ Guiamo-nós pelo que escreve A. Geikie, illustre vulgarizador inglez.

DA AGUA COMO AGENTE NATURAL, SUA INFLUENCIA PHYSICA, CHIMICA, ETC.

ENTRE a multidão dos objectos, que rodeiam o homem na ordem physica da natureza, a agua se lhe apresenta por todas as partes como um dos que mais desperta a sua attenção, excita a sua curiosidade e reclama o seu estudo.

Classificada entre os antigos no numero dos quatro elementos e assim considerada até fins do seculo XVIII ¹, é um dos corpos mais profusamente espalhados na natureza; podendo com razão accrescentar-se que ella não é menos essencial á economia do globo, menos necessaria á existencia dos seres, do que o ar atmospherico, o calor, a luz e a electricidade.

Não ha mister de muitos conhecimentos geologicos e mineralogicos, de physica, de chimica e de historia natural, n'uma palavra não ha mister de professar as sciencias que estudam o mundo physico, para conhecer e demonstrar que as aguas têm tido maior influencia do que o fogo subterraneo nas modificações, mais ou menos profundas, que tem experimentado a camada superficial da terra. Sua acção se manifesta claramente e quasi por toda a parte, em quanto que a acção do fogo é limitada a certas regiões, e ahi mesmo apparecem provas incontestaveis da poderosa influencia das correntes. É por isso que Buffon dizia: «*Les eaux courantes, les fleuves, les ruisseaux, la fonte des neiges, les torrents, les gélées ont considérablement changé la surface de la terre.*» Tudo nos leva a crer que as aguas têm successivamente e por varias vezes occupado todos os pontos do globo,

É ás grandes revoluções, que esta incalculavel força tem effectuado sobre a crusta da terra, que se deve a formação dos deltas do Nilo e do Rheno, cobertos hoje de cidades e numerosas povoações. A Hollanda, a Zeelandia e muitos outros paizes, tanto no antigo como no moderno continente, surgiram do seio das aguas e outra origem não têm ².

Cobre ella a maior parte do nosso planeta ³; debaixo do nome de mares enche vastas bacias cujo destino é fornecer á atmosphera a humidade necessaria á producção dos differentes phenomenos meteorologicos.

Encontra-se em abundancia sobre a parte solida da terra; entrando pelos continentes, fórma grandes massas, que communicam com o reservatorio dos mares; occupa mais ou menos consideraveis extensões, que a terra circumda por todos os lados; despenha-se em torrentes, que se precipitam do cume das serras; abunda em fontes, que jorram nas faldas das montanhas, e se desenrolam em mais ou menos grossas correntes, que, como outras tantas veias, se repartem em toda a superficie dos valles, para lhes fornecer abundantes elementos fertilisadores; já se esconde em grossas toalhas no seio da terra, que a industria do homem sonda e chama á superficie; já se espalha por todo o globo, por meio de abundantes chuvas, que em todas as estações do anno se desatam da atmosphera, sempre mais ou menos carregada de vapores. É assim que as aguas formam, quando correntes, cursos, a que, em razão do seu maior ou menor volume, posição e força, se dá o nome de torrentes, regatos, ribeiras, rios, etc. Quando immoveis ou estagnadas tomam os nomes de lagos,

¹ A descoberta da decomposição da agua é uma das que mais honra fazem á intelligencia e ao assiduo trabalho de alguns distinctos genios. É um achado precioso, um dos triumphos mais brilhantes para a moderna sciencia chimica, que tão notaveis progressos tem feito n'estes ultimos tempos e que tanto tem concorrido para o desinvolvimento das artes, e que tantos segredos tem arrancado á natureza. N'esta importante descoberta trabalharam successivamente Newton, Cavandish, Monge, Lavoisier, Fourcroyt, Séguin, Gay-Lussac, Berzelius, Dulong e Humboldt, os quaes por suas repetidas observações e experiencias dotaram a sciencia com tão util conquista.

² *Hist. Natur.* de Buffon, tom. 2.º, pag. 241; Malte Brun *Géographie Universelle*, edit. de 1839, tom. 1.º, pag. 362; Chardon, *Traité du Droit d'Alluvion*, Introd. ; Comte de Portalis, *Cod. Civ. du Royaume de la Sardaigne*, Introd. pag. 167.

³ Segundo as observações e calculos astronomicos tres quartos do globo terrestre são cobertos pelo Oceano e suas ramificações com 1000^m de profundeza; esta massa enorme de aguas lançadas no espaço formaria só por si um planeta de 1400 kilom. de diametro (350 leguas). Charles d'Orbigny, *Dict. Universel d'Hist. Nat.*, vbo. *Eau*.

pantanos, tanques, etc.; e não é só á superficie do terreno, mas tambem nas suas profundezas, que estes phenomenos se realisam.

As variantes da temperatura dão tambem á agua diversos estados e variadas fórmas; mas, quer no estado solido, quer liquido, quer gazoso, é sempre este elemento de vida e fecundidade a surgir e a diffundir-se em todos os pontos, em todas as regiões do globo. É, como o calor, a electricidade e o magnetismo, uma das forças, que mantêm o equilibrio na ordem physica da natureza, base de existencia, elemento de conservação e desinvolvimento para todos os seres organicos e organisados.

No estado solido fórma um elemento importante na economia do globo; os gelos perpetuos dos polos são-lhe tão essenciaes como os granitos e outras rochas, que servem de base aos continentes e ás ilhas. No estado liquido bem demonstrada deixámos já sua poderosa acção. Os vapores, que de baixo de todas as latitudes e a todas as temperaturas se evolvem da superficie da terra, penetram entre as moleculas do ar como nos poros de uma esponja, produzem as nuvens, as chuvas e muitos outros meteoros aquosos.

Era de certo para muitas paginas o estudo e exame d'esta importante funcção, que a agua representa no nosso planeta, e a influencia, que exerce sobre todos os seres que o habitam. Bastam porém estas noções elementares, estas leves indicações, para conhecermos qual o destino que a natureza assignou ás aguas, para melhor comprehendermos como a sociedade as deve aproveitar, como a legislação se deverá haver com respeito a este precioso dom, que tanto nos prodigalisou.

DA AGUA COMO AGENTE INDUSTRIAL OU ECONOMICO

CONSIDERADA como agente industrial ou economico, nenhuma substancia ha mais digna de chamar a attenção do homem; nenhuma offerce mais variados e quotidianos usos.

Em relação á industria extractiva bastará dizer que é no seio das aguas onde crescem e se multiplicam essas raças innumeraveis de peixes, que formam uma das mais importantes fontes da alimentação publica para todas as classes da sociedade, desde o mais abastado até ao proletario mais indigente. Entre esses animaes aquaticos muitos, como a balleia, são colossos ao pé dos maiores, que habitam os continentes, e de seus despojos faz a industria variadissimos usos e uteis applicações. É na agua que se formam as perolas, o nacar, conchas de uma admiravel belleza, e uma infinidade de objectos, que, bem longe de nos serem indifferentes, são de consideravel valor, de preciosa utilidade e estimação¹.

Cresce em importancia, se a relacionamos com a industria agricola²; são incalculaveis os recur-

¹ «A pescaria tem até hoje merecido longas e bem fundadas recommendações. Ha mais de dois seculos que as nações maritimas abriram os olhos sobre este ramo de industria, tão interessante ao bem dos particulares, como ao geral da nação. Não precisa ter-se empégado em o estudo do commercio e da economia para entender quanto cumpre fomentar a pesca. Creadora como a agricultura, ella sustenta a pouco custo os artifices e demais obreiros das fabricas e officios, em que é preciso abaratar o trabalho por meio d'uma commoda subsistencia.» — José Bonifacio de Andrade e Silva, *Mem. Econ. da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 2.º, pag. 388. Sobre a decadencia das pescarias em Portugal póde ver-se a *Memoria* de Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Mem. Econ.*, tom. 4.º, pag. 312.

² É muito para ler-se nas *Mem. Econ.*, tom. 1.º, pag. 41, o *Racional Discurso sobre a Agricultura e a Propriedade da Provincia do Alemtejo*, por Antonio Henriques da Silveira; assim como o discurso pronunciado por occasião da inauguração do *Instituto Agricola de Lisboa*, em 1854, pelo nosso distincto agronomo, o Conselheiro José Maria Grande, do qual para aqui extrahimos a parte relativa ás aguas.

«O desaproveitamento das aguas. — É para deplorar o desleixo dos nossos agricultores no aproveitamento das aguas que devem servir á irrigação do solo. Ninguem ainda calculou os damnos que d'ahi provém á nossa agricultura. É por centenaes de milhões, diz um grande agronomo de nossos dias, que os governos devem contar a perda, que resulta da massa d'aguas, que deixam correr descuidosos para o mar, sem tirar d'ella o menor proveito.

As aguas que se empregam na rega dos campos de Lombardia e do Piemonte produzem, segundo calculos, que

sos, que d'ella recebe, poderosissima a sua influencia na fertilidade do solo, no desinvolvimento da vegetação, na multiplicação dos animaes domesticos. A existencia de todos estes seres fôra impossivel sem este elemento, de que a natureza fizera depender a sua organização e vida.

(Continúa.)

M. EMYGDIÓ GARCIA.

se reputam exactos, a renda de vinte milhões de cruzados, representando portanto um capital de quatrocentos milhões. As aguas do Pó, do Tessino e do Adda iriam sepultar-se improductivas no mar, sem essas famosas construcções dos lagos e canaes de irrigação, que as distribuem sobre o reino da Sardenha, e lombardo-veneziano, aos quaes communicam uma fecundidade, que todas as extorsões da guerra e da tyrannia ainda não poderam suffocar.

A energia vegetativa de qualquer paiz, e mui particularmente a dos paizes meridionaes, como o nosso, é um producto resultante d'estes tres factores — *agua, temperatura e adubos*. Com estes elementos podemos ter entre nós as produções rusticas de quasi todas as regiões agricolas.

Não precisamos sahir da nossa peninsula para observar o accrescimo de riquezas que podem resultar do aproveitamento das aguas. A *huerta de Valencia*, e os canaes de irrigação que a banham; as veigas floridas de Granada; as margens do Guadalquivir, principalmente desde Lara a Sevilha; as campinas de Murcia e Aragão dão um grande testemunho d'esta verdade. Os nossos campos do Minho, e de algumas bacias da Beira, os da Ponte do Sôr, do Cano, de Logomel, e de Portalegre, manifestam tambem, posto que em menor escala, o accrescimo de produção proveniente das irrigações, accrescimo que se traduz em termo medio n'um augmento de 10\$000 a 15\$000 réis de renda annual por geira.

Nós temos muitos rios, cujas aguas, inuteis á navegação, podem ser aproveitadas com grande vantagem pela agricultura. O Zezere, o Nabão, o Guadiana, o rio Ervedal, e muitas ribeiras suas tributarias, poderiam ser canalizados e derivados para as regas dos terrenos marginaes e circumjacentes.

As aguas pluviaes, e as dos terrenos pantanosos, tambem se poderiam aproveitar, recolhendo-as em reservatorios, taes como albufeiras, represas, e semelhantes. A agricultura castelhana recorre frequentes vezes a estes meios, e tira d'estas construcções grossas vantagens. Na Andaluzia e na Extremadura é muito usado este systema dos reservatorios. Os mais famosos, porém, de toda a Hespanha são o de Orxeva, e o de Alicante, construido por Philippe II.

Na Prussia rhenana e em outros pontos da Allemanha utilisam-se aquellas aguas por um methodo ainda mais simples, e que deveria ser imitado entre nós. Os terrenos recebem, pela construcção de pequenas margens ou diques, uma disposição apropriada para reter durante algum tempo as aguas pluviaes, que para elles são encaminhadas. Estas passam muitas vezes, quando a inclinação o permite, de uns para outros terrenos, fertilizando-se successivamente pelos sedimentos dos saes e detritos organicos n'ellas contidos. Este methodo recommenda-se pela sua simplicidade e proficiencia.

Os nossos agricultores do sul queixam-se geralmente da escassez de aguas e de estrumes, e attribuem a esta escassez o pouco desinvolvimento de certas culturas; mas se estes dois elementos de fertilidade não abundam nas provincias meridionaes, é por isso que se devem aproveitar cuidadosamente todos os que n'ellas existirem. Recolham, pois, os nossos agricultores as substancias fertilisantes, que os regatos e as ribeiras provenientes das chuvas acarretam comsigo, e aproveitem do mesmo modo os nascentes que abundam em muitas localidades, mesmo da mais arida de todas as nossas provincias, a provincia do Alemtejo, na qual comtudo existem muitos concelhos, que não cedem em abundancia de aguas á nossa provincia do Minho, como são os concelhos de Estremoz, do Cano, do Alandroal, das Galveas, de Portalegre, de Castello de Vide, de Marvão, de Niza, de Santiago de Cacem, de Montemór-o-Novo, de Villa Nova de Mil Fontes, e muitos outros; aproveitem, repito, estas riquezas perdidas, e verão o accrescimo de produção e a variedade de culturas que d'ahi lhes provém.

Esté importante objecto merece pois toda a attenção, tanto da administração como dos nossos lavradores, por isso que as regas multiplicam as produções do solo, mantendo-o em constante actividade; augmentam os trabalhos ruraes; estendem as culturas horticolas e pratenses; facilitam a estabulação; accrescentam a massa dos estrumes; e tornam os campos mais povoados, amenos e sadios.

Finalmente, sendo a agua a seiva da vegetação e o chilo da terra, é preciso espalhar á sua superficie, e profusamente, esta substancia nutritiva, que alenta a vida dos campos, e a de todos os seres organisados.

Sobre a influencia da agua na vegetação e irrigações, pôde consultar-se com proveito o *Man. de Droit Rural*, por Jacques Valserras, e tambem o *Cours d'Agricult.*, par M. Comte de Gasparin, principalmente no vol. 6.º

DECLARAÇÃO IMPORTANTE

Despeço-me hoje de director litterario do Panorama Contemporaneo. Durante a minha direcção incompetente as paginas d'esta revista foram honradas com producções dos seguintes notaveis escriptores:— Alexandre da Conceição, Guerra Junqueiro, Luiz Osorio, Camillo Castello Branco, Leite de Vasconcellos, Martins Sarmiento, Queiroz Ribeiro, Antonio Feijó, Costa Macedo, A. A. da Fonseca Pinto, Abilio Soeiro, Julio Moreira, D. Amelia Janny, Henriques da Silva, Gonçalves Vianna.

Ouro de lei, como se vê; astros de primeira grandeza. A nullidade do meu nome não dava, entre esses nomes, os mais ligeiros signaes de vida. Pois bem: a despeito de tão selecta collaboração, não obstante os applausos da imprensa e a opinião favoravel dos entendedores, a despeito de tudo isso, os srs. proprietarios do Panorama Contemporaneo reservavam-se o direito exclusivo, o original direito de estarem absolutamente descontentes com a parte litteraria da publicação. Que desejavam «litteratura amena» cousa leve, nada de massadas. Que por tal caminho os assignantes fugiriam de vez. Que d'esta fórma a indole da publicação fazia guerra aberta aos seus lucros. Que isso não tinha geito. Nada mais justo, se fosse verdadeiro. Compreendi, porém, que a minha direcção estava, no seu entender d'elles, em antagonismo com os interesses financeiros da Empresa. Era dever meu sahir. É o que faço hoje, aproveitando o ensejo para agradecer cordealmente aos cavalheiros que me honraram com o auxilio valioso da sua illustrada collaboração, e á imprensa que tão lisonjeiramente acolheu o Panorama Contemporaneo e o meu nome. A esses cavalheiros e á imprensa devia eu estas explicações francas.

Fazendo votos pelo progresso da publicação, termino inserindo aqui uma carta que dirigi ao sr. José Luiz da Costa, administrador da Empresa, a cujo convite eu acceitara a direcção do Panorama Contemporaneo.

Eis a carta e a resposta:

Ill.^{mo} Sr. José Luiz da Costa:

Da sua consciencia e da sua franqueza peço uma resposta escripta a cada uma das duas perguntas que seguem:

1.^a— É ou não verdade que em todos os meus actos ainda os mais insignificantes e em todas as minhas palavras verbaes ou escriptas tenho manifestado clara e exuberantemente o mais devotado interesse pelo progredimento do Panorama Contemporaneo?

2.^a— É ou não verdade que eu tenho applicado ao Panorama Contemporaneo todas as forças do meu genio e da minha intelligencia—tal como se a publicação fosse exclusivamente minha e só meus todos os lucros possiveis?

Pela resposta concisa e consoante aos dictames da sua consciencia—exclusivamente da sua consciencia—muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1884.

Seu am.^o e obgd.^o

J. Trindade Coelho.

Resposta á 1.^a pergunta—É verdade.

Resposta á 2.^a pergunta—É verdade.

José Luiz da Costa.

E para apurar todas as responsabilidades, cumpre-me declarar porfim—expressamente, terminantemente—que não tive a minima ingerencia na administração do jornal. A parte financeira e de expediente, ao contrario do que muita gente tem pensado, era-me completa e absolutamente extranha. Que isto fique bem assente.

Coimbra, 29 de janeiro de 1884.

TRINDADE COELHO.

Esta declaração devia occupar a ultima pagina do n.^o 5 do Panorama Contemporaneo. Acontecimentos posteriores fizeram, porém, com que esse numero não sahisse já sob a minha direcção, e por isso resolvi mandal-a imprimir em folhas avulsas.

O n.^o 5, já quasi composto, continha artigos dos seguintes laureados escriptores:—dr. A. A. da Fonseca Pinto, dr. F. A. Rodrigues de Gusmão, dr. A. Mendes Simões de Castro, dr. José Frederico Laranjo, dr. Abilio Soeiro, Eduardo de Araujo, Silcu Gajo e Leite de Vasconcellos.

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.^a, successores, Carvalho & C.^a; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.^a, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.^a; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — FIGUEIRA: Costa & C.^a — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTA-REM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.^{mo} sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTOBIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12\$000 réis.

Amostras antes das encomendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JÓÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(Á Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candeiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candeiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

MERCEARIA E TABACOS

4, 5 — Largo da Feira — 6

COIMBRA

Grande sortido em assucar, chá, café, arroz nacional e estrangeiro, massas de todas as qualidades, bolachas, chocolates finos, gommias finas de Lisboa, brancas e aniladas, sabão, azeite, papeis para escrever, vinhos do Porto, e muitos outros artigos que se vendem por preços commodos.

DECLARAÇÃO IMPORTANTE

Declaro que sou o Sr. J. J. de Souza, residente em São Paulo, e que sou o autor da obra intitulada "Declaração Importante"...

Esta obra é de propriedade exclusiva do Sr. J. J. de Souza e não pode ser reproduzida sem a sua autorização...

São Paulo, 15 de Junho de 1884.

J. J. de Souza

Declaração de autoria e responsabilidade...